

Autora de *A biblioteca dos sonhos secretos*

MICHIKO AOYAMA

.....

# Matcha às segundas-feiras

月曜日の抹茶カフェ

CAFÉ MARBLE

Autora  
com mais  
de 2 milhões  
de livros  
vendidos



**Matcha às segundas-feiras**  
**Janeiro • Tóquio**

“Que um monte de coisas boas me aconteça!”  
De mãos juntas, fiz o pedido. Mas para quem?  
Bem, estou em um santuário, então no momento eu me dirijo aos deuses. Provavelmente.  
Mas onde eles estão? Do outro lado dessa caixa de ofertório onde eu joguei uma moedinha? No céu?  
Ou quem sabe...

\* \* \*

Já estamos em meados de janeiro e só agora vim ao santuário. A tradição manda fazê-lo logo nos primeiros dias do ano.

Trabalho em uma loja de aparelhos eletrônicos localizada num shopping e abrimos durante todo o período de festas de dezembro. Sem folga. Havia um sistema de rodízio de folgas curtas entre os funcionários, mas, como sou solteira, optei por assumir mais turnos para que os meus colegas pudessem passar mais tempo com a família.

Não tive tempo sequer para ajudar a preparar os pratos típicos. “Você tem 26 anos, Miho, deveria ficar com a gente!”, reclamaram meus pais, mas expliquei a eles que este é o momento em que preciso me dedicar à minha vida profissional. Desde criança adoro eletrônicos, portanto meu trabalho não me desagrada nem um pouco.

Mas este mês a divisão de turnos foi alterada, o que me confundiu: acabei saindo cedo para trabalhar, mas era meu dia de folga. Fiquei frustrada.

Se tivesse lembrado que eu não precisava acordar cedo hoje, poderia ter ido dormir tarde ontem!

Sem vontade de ir para casa, fui dar uma volta no shopping. Mas tem dias em que nada dá certo mesmo. Passei em uma loja para comprar uma jaqueta acolchoada que eu queria já fazia um tempo, e havia esgotado. Para me animar, entrei em um restaurante fast-food, mas deixei cair ketchup bem na manga da minha blusa. Lavei na pia do banheiro, mas a mancha acabou ficando maior.

Sei que não sou a pessoa mais sortuda do mundo, mas hoje o azar foi além da conta. Será que era porque eu ainda não tinha ido ao santuário? Assim, embora fique um pouco distante do shopping para ir a pé, fui até lá, na esperança de me livrar dos maus espíritos.

Enquanto orava, subitamente me recordei do Café Marble.

O estabelecimento pequeno e isolado se situa no final de uma alameda de cerejeiras que segue o curso do rio próximo ao santuário. É um lugar aconchegante, com um gerente jovem que é a simpatia em pessoa. A decoração interna e as louças são de muito bom gosto e, claro, o café e os chás são deliciosos. Fui lá algumas vezes quando trabalhava pela manhã e é, sem

dúvida, meu café favorito. Em um dia difícil como este, precisava de um tempo nesse meu local tão adorado para levantar meu astral.

Caminhei observando os galhos nus das cerejeiras, sem flores nem folhas.

Minha respiração soprava pelo cachecol xadrez vermelho erguido quase até minha boca. Eu sentia as mãos dormentes e geladas dentro dos bolsos do casaco.

Por entre as árvores avistei o beiral do telhado do Café Marble. Mal podia esperar para entrar e me aquecer... Mas então, de súbito, estaquei.

Era segunda-feira. Dia em que o local fica fechado.

Mas que azar! Se pelo menos eu tivesse me lembrado disso antes, não teria caminhado até aqui. Fui lembrar justo quando estava quase chegando...

Suspirei fundo. Quando já estava prestes a dar meia-volta, a porta do café se abriu.

Olhei. Uma mulher saiu e foi na minha direção. Devia ser pouco mais velha que eu e tinha os cabelos curtos e brilhantes, num tom de castanho acinzentado.

– Com licença.

Quando a mulher passou por mim, tomei coragem para me dirigir a ela.

– Com licença, o Café Marble não fecha às segundas?

Ela me olhou com seus olhos amendoados e esboçou um sorriso.

– Sim, mas está funcionando. Por que não entra?

Admirei sua voz rouca, agradável aos ouvidos. Enquanto eu pensava nisso, ela se foi a passos rápidos.

Seguindo seu conselho, fui até a entrada do café e espiei lá

dentro pela janela. De fato, havia alguns clientes às mesas e no balcão.

Eu estava levando a mão à maçaneta quando notei algo na porta. Na placa com o nome Café Marble, as quatro últimas letras haviam sido cobertas com uma fita adesiva branca e alteradas para “tcha”. Café Matcha.

Café Matcha? Que brincadeira era aquela?

Eu estava tentando entender aquela alteração estranha quando a porta se abriu e um senhor de pequena estatura surgiu à minha frente.

– Entre!

Ao ver o grande sinal de nascença em sua testa, lembrei-me de já tê-lo visto ali uma vez. O gerente simpático o chamava de Mestre. Mas eu só o vira lendo um jornal de esportes aberto sobre o balcão, então talvez ele fosse um cliente. “Mestre” devia ser apenas um apelido.

– Por hoje, somos o Café Matcha. Se você não odeia matcha, entre e fique à vontade – propôs o senhor com o sinal de nascença.

Eu adoro matcha. Matcha ao leite, pudim de matcha, sorvete de matcha... Cruzei a porta sentindo que estava enfim salva.

Lá dentro, além do Mestre, um casal ocupava uma mesa nos fundos e um homem de quimono azul-marinho estava ao balcão. Eu me sentei à mesa e tirei o casaco.

Já me sentia melhor. Minha língua, meus olhos e todo o resto do meu corpo desejavam um matcha ao leite bem doce e quente.

– Bem-vinda.

O rapaz em traje oriental colocou um copo de água na mesa e me entregou o cardápio. Em um papel japonês preso sobre uma cartolina grossa estava escrito o seguinte, a pincel:

*Chá forte 1.200 ienes*  
*Chá fraco 700 ienes*  
*Acompanha um doce japonês*

Fiquei perplexa.

Nada de matcha ao leite, pudim ou algo assim. Apenas chá mesmo.

– Com licença, é só isso?

– Sim.

O garçom que veio anotar meu pedido estava inexpressivo, com um olhar distante. Tinha o queixo afinado, o nariz retilíneo. Devia ser uns cinco anos mais velho do que eu. Parecia acostumado a usar trajes orientais. Tinha um ar presunçoso.

Ele esperava minha resposta olhando para outro lado. Consultei novamente o cardápio. Apesar de não terem pudim, um doce japonês até que cairia bem. Não entendi direito a diferença entre chá forte e fraco, mas com certeza o mais caro devia ser mais saboroso. Eu acabara de vir de minha primeira visita do ano ao santuário e, considerando que era o início de um novo ano, decidi me presentear com algo saboroso para me trazer sorte e um pouco de ânimo.

– Então vou querer um chá forte – pedi, e, quando ergui o rosto, nossos olhares se encontraram.

Ele virou o rosto muito rapidamente.

– Um chá forte, entendido – sussurrou, já se afastando na direção do balcão.

Por que tanto desprezo? Fiquei chocada com sua atitude rude. Era melhor que eu não tivesse entrado. Olhei ao redor.

O Mestre lia o jornal de esportes, aberto sobre o balcão, tal como da outra ocasião em que eu o vira.

O casal conversava tranquilamente em voz baixa. De longe, os dois pareciam jovens, mas agora, olhando melhor, julguei que tivessem quase 40 anos. Notei que usavam aliança no dedo anelar esquerdo. Eram casados.

Que maravilha. Uma relação estável de confiança mútua. Gostaria de algum dia conhecer alguém, me apaixonar e, assim como eles...

Enquanto eu observava o feliz casal, o Mestre, ainda sentado ao balcão, se dirigiu a mim:

– Você deixou cair seu cachecol.

– Ah! – exclamei, olhando para baixo.

O cachecol que eu até então mantinha sobre os joelhos jazia desleixadamente no chão. Eu o recolhi.

– Você nos visita com frequência, não? – prosseguiu ele.

“Você nos visita.” Pelo que falou, ele devia ser o proprietário, e não um cliente.

– Sim, venho de vez em quando. Hoje vim por engano, esqueci que vocês fecham às segundas. Vocês fazem outros eventos como esse Café Matcha?

– Hum... Às vezes. Às segundas-feiras ou após o expediente.

Eu não fazia ideia disso. O Café Marble é incrível, porém não faz nenhum tipo de propaganda.

– Vocês não divulgam nem nas redes sociais? Se fazem eventos, seria melhor postar para atrair clientes.

O Mestre suspirou.

– Prefiro que os clientes venham por acaso, sem saber exatamente o que vão encontrar. Como aconteceu com você hoje. Assim não é mais divertido?

– Deixar por conta do destino? – perguntei.

– É, por aí – respondeu o Mestre. – Cada encontro, seja

com alguém ou algo, é obra do destino. É como uma sementinha! Mesmo ínfima e discreta, se a cultivamos, produz lindas flores e deliciosos frutos. Coisas inimagináveis surgem de algo tão pequenino.

– É, pode ser. Mas, mesmo havendo um encontro, tudo pode acabar ali naquela única vez, sem ser possível cultivar nada – repliquei, me lembrando da jaqueta que não conseguira comprar.

– Isso não significa que o destino não tenha agido, apenas que o encontro foi efêmero. É como comer sementes de girassol. Fará bem ao corpo, e a experiência de tê-las comido talvez nos conduza a outras coisas.

Fiquei pensando no que ele disse, mas focada mesmo em tentar lembrar se já havia comido sementes de girassol. O Mestre notou meu ar distraído e começou a rir.

– O evento de hoje é uma espécie de diversão para mim – disse ele –, portanto não me importo se vierem poucos clientes. Bem-vinda ao Café Matcha da segunda-feira!

Diversão? Sério?

Enquanto eu resmungava, o garçom voltou trazendo uma bandeja de laca preta.

– Desculpe a demora. Aqui está seu chá forte. O doce de acompanhamento é um *kanbotan*.

O sotaque do rapaz era do oeste do Japão. Ele devia ser da região de Kansai.

O doce, feito de pasta de feijão, tinha o formato de uma linda peônia cor-de-rosa. Estames amarelos se destacavam no centro das pétalas.

– Veja. O esforço das peônias para florescer apesar do frio intenso é realmente fantástico.

Tendo dito isso, o Mestre voltou-se para o balcão e retomou a leitura do jornal.

O casal da outra mesa se levantou e o garçom foi até o caixa. O olhar da mulher pousou na fileira de pacotes de chá à venda ao lado do caixa e ela comprou um. Depois que os dois saíram, restamos apenas três pessoas no café: o garçom, o Mestre e eu. Por um tempo me pus a contemplar o lindo doce em formato de flor.

E o chá forte ao lado. Fazendo jus ao nome, era de um verde muito escuro. Peguei a tigela envolvendo-a com ambas as mãos. O chá era espesso como tinta. Eu nunca vira algo semelhante.

Parecia delicioso. Porém, no instante em que tomei um gole, instintivamente afastei os lábios.

– Argh! – exclamei, incapaz de me conter.

Não falei alto, mas o som ecoou estranhamente no interior do café, já que não havia outros clientes.

Era um sabor novo para mim, intenso, nem amargo nem azedo, mas indescritivelmente desagradável.

– Deve-se comer primeiro o doce! – aconselhou o Mestre, rindo.

Eu me apressei em cortar o *kanbotan* ao meio e coloquei um pedaço na boca. Desejava comer com mais refinamento, mas a situação não permitiu.

Depois de adoçar a boca, tentei beber o chá de novo, na esperança de que suportaria melhor e entenderia a profundidade do sabor. Mas continuou complicado.

E agora? Apesar da tortura, seria um desperdício deixar ali, quase intocada, uma bebida de 1.200 ienes.

Enquanto tomava a água em grandes goles, ouvi o toque de

um celular. Parecia vir do balcão. O garçom pegou às pressas o aparelho.

– Hã...

Impaciente, ele pressionava o dedo na tela, depois o afastava.

– Basta deslizar para cima – falei sem pensar, me intrometendo na situação.

– Deslizar? – ecoou o garçom, me dirigindo um olhar ansioso.

– Arraste o dedo até o alto da tela, num movimento rápido.

Ele fez como o instruí e, aparentemente, conseguiu atender antes que a pessoa do outro lado desistisse. Então, aliviado, começou a conversar.

– Aham. Aham. Não, eu não liguei.

Eram coisas bem comuns de acontecer com quem está se acostumando a usar um celular: não saber como atender uma ligação recebida, apertar um botão por descuido e acabar ligando para alguém sem querer.

Com o restante do *kanbotan* na boca, me esforcei para tomar todo o chá.

E eu que havia escolhido o mais forte para levantar o ânimo! Hoje realmente está dando errado.

Quando o garçom desligou, o Mestre lhe perguntou:

– Era seu pai?

– Era. Parece que esse troço ligou sozinho. Por isso ele retornou a ligação – explicou, apontando para o celular com ar irritado. – Duas semanas atrás eu finalmente troquei meu celular antigo por um smartphone, mas é difícil de usar e me irrita. A toda hora pede para atualizar, mas, quando faço isso, os aplicativos sofrem mudanças sem avisar e as coisas podem até piorar. E olha que comprei o modelo mais recente.

Incapaz de me conter, falei:

– Os smartphones são produtos eternamente inacabados.

O garçom e o Mestre olharam para mim ao mesmo tempo.

– Eu trabalho com celulares e lido com isso todo dia. O mundo dos aparelhos eletrônicos é atualizado o tempo todo. Novos vírus surgem, há instabilidade na comunicação, as necessidades das pessoas mudam... Os celulares modernos devem passar cada vez mais por pequenas modificações para atenderem às novas necessidades de um ambiente em constante mudança.

O Mestre assentiu. Eu continuei no embalo:

– Infelizmente há casos de bugs em atualizações, mas, se olharmos de uma perspectiva de longo prazo, o acúmulo dessas falhas foi o que permitiu que se chegasse ao smartphone! Mesmo sem trocar de aparelho, do jeito que está é possível tentar coisas novas e ampliar suas capacidades. Acho isso incrível. É como se fossem vivos.

Levei a mão à boca: tinha falado demais. É isso que acontece quando surge o assunto. Péssimo hábito meu.

– Você toma *ousu*? – perguntou o garçom, mais uma vez sem olhar para mim.

– O que é isso?

– Chá fraco. A versão mais conhecida do matcha, aquele espumoso. Acredito que seja mais palatável. É por minha conta, em agradecimento pelas explicações.

– Que tal ver como o chá é preparado? – o Mestre me sugeriu.

– Posso? Eu adoraria.

O garçom concordou com um leve movimento da cabeça. O Mestre sorriu, dobrando o jornal.

– Ótimo. Você conhece a expressão “boas vibrações e boa sorte andam de mãos dadas”?

– Quem disse isso?

– Eu.

E, levando o jornal, o Mestre foi até o porta-revistas ao lado do caixa. Vai entender esse homem.

Pouco depois, o garçom apareceu trazendo uma bandeja e um bule e os colocou na minha mesa. Sobre a bandeja havia uma tigela de chá, um batedor de bambu, uma colher e um coador.

A tigela de chá vazia parecia ter sido aquecida. A ponta do batedor estava molhada.

– Vamos começar.

O garçom de início colocou uma colher e meia de pó de matcha no coador, usando uma colher no formato de um cotonete. Com as costas da colher, ele cuidadosamente eliminou os grumos. Por fim, sobre o matcha liso dentro da tigela, verteu devagar a água quente e começou a usar o batedor.

– Movimento para a frente e para trás, depois de novo para a frente e para trás, como se desenhasse um M.

– M? A letra M do alfabeto?

– Sim.

O garçom se surpreendeu com minha pergunta.

– Como será que os japoneses explicariam esse movimento quando ainda não havia o alfabeto? O mestre de chá Sen no Rikyu, por exemplo.

Ele gargalhou.

– Taí. Nunca pensei nisso.

Olha só... Não é que ele conseguia ser simpático? Deveria sorrir mais.

Senti algo suave e doce no fundo do peito, como gelo derretendo. Que sensação seria aquela?

Depois de movimentar o batedor em zigue-zague, bem rápido, ele acariciou a superfície da bebida como se quisesse esmagar a grande espuma formada. E introduziu de novo rapidamente o batedor, dessa vez mais fundo.

– Finaliza-se com um movimento circular, fazendo um  $\mathcal{O}$ .

Ele fez como descreveu e puxou o batedor a partir do centro.

– Talvez Sen no Rikyu tenha explicado isso recorrendo a um caractere japonês em vez do alfabeto romano – sugeriu ele alegremente.

E pela primeira vez ele olhou no fundo dos meus olhos. Foi minha vez de não conseguir encará-lo. Desviei o olhar.

Então ele foi até o balcão e voltou trazendo um doce japonês num prato.

– É um coelho da neve – anunciou, colocando o prato na bandeja.

Um gracioso doce *mochi* de arroz branco no formato de um coelhinho prestes a saltar em um monte de neve.

Depois de saboreá-lo devagar, bebi o chá fraco. Estava saboroso. A doçura refinada do *mochi* foi delicadamente sobreposta pelo aroma do chá, que fazia cócegas no meu nariz. Se os sabores de ambos se destacavam, era graças à ordem da preparação do chá.

Meu coração enfim se tranquilizou. Suspirei.

– Que bom que você me ofereceu esse chá. Sou uma azarada, nada dá certo para mim. Hoje esqueci que estava de folga e acabei indo ao trabalho, a jaqueta que eu queria comprar esgotou e ainda me sujei de ketchup. Tudo num dia só.

– Eu não chamaria isso de azar – disse o garçom, que me escutava atentamente.

– Não?

– Aposto que você é só descuidada.

Ele disse isso com um ar muito sério. Logo agora que eu começava a me sentir um pouco melhor, foi como ter sido espetada com força com uma agulha. O garçom realmente não tinha simpaticizado comigo. Porém ele acrescentou:

– Você não é nem um pouco azarada. O simples fato de ter um trabalho de que gosta e sobre o qual fala com tanta paixão não é incrível? Os celulares devem se sentir felizes por você amá-los e cuidar bem deles.

Smartphones felizes?

Eu nunca havia pensado por esse ângulo. Pode parecer loucura, mas me senti reconhecida pela afirmação de que os aparelhos sentiam minha paixão e se alegravam.

Além disso, fazia sentido pensar que eu era apenas desajeitada, não azarada. O riso que brotou em mim foi seguido de lágrimas. Me senti feliz. Muito feliz.

Procurei dentro da bolsa algo para enxugar o rosto. Ah, não: esqueci meu lenço.

Então algo se estendeu rapidamente diante de meus olhos. Uma toalhinha de mão azul-marinho dobrada cuidadosamente. O garçom desviou o olhar, encabulado. Olhando bem, notei que suas orelhas estavam avermelhadas.

– Obrigada...

Quando peguei a toalhinha, o garçom avisou ao Mestre que ia levar o lixo para fora e saiu do café.

Em um canto da toalhinha estava bordado em linha branca o ideograma *kichi* de “sorte”. Seria um desses produtos para dar sorte?

– Ah, você está usando a toalhinha. Fui eu que dei a ele de presente – disse o Mestre, agora com uma revista semanal

na mão. – Mandei gravar um dos ideogramas do nome dele, Kippeï. Ele é o único filho dos donos da Fukuido, tradicional loja de chá. “Fukui” significa “onde a sorte está”. Kippeï Fukui. Parece nome de quem nasceu virado para a lua.

Então ele se chamava Kippeï.

Foi bom ter esquecido meu lenço. E, ao pensar isso, comecei a refletir.

Se eu tivesse comprado a jaqueta, talvez tivesse voltado direto para casa, já que era bem volumosa, do tipo puffer. Se não tivesse ido trabalhar no meu dia de folga, não teria ido até ali. Meus lapsos me trouxeram ao Café Matcha. No fim das contas, eu sou é muito sortuda.

Porque ali eu encontrei Kippeï.

– Quando será o próximo Café Matcha? – perguntei ao Mestre.

– Hum... Na verdade, é só hoje! A Fukuido fica em Kyoto. Kippeï veio a Tóquio pela primeira vez porque precisava representar o pai numa reunião. Ele volta para casa amanhã.

Não acreditei. Então eu não ia vê-lo de novo. Droga. Eu sou mesmo azarada.

Estava quase desanimando de vez quando pensei melhor. Se queria revê-lo, precisava agir para que isso acontecesse. O destino me dera uma semente. Eu me empenharia em cultivá-la.

Fingi descansar as mãos no queixo para orar discretamente.

“Que eu encontre Kippeï outra vez. Que um monte de coisas boas me aconteça!” Apertei as mãos. Verti meu pedido no calor do meu corpo.

Pronto. Pedidos devem ser direcionados à palma das mãos.

– Mas eles vão abrir uma unidade aqui em Tóquio – con-

tinuou o Mestre, folheando as páginas da revista, distraído. – Kippei será o gerente. Em breve ele se mudará sozinho para cá.

O pedido que eu aninhara em minhas mãos germinou. Eu as apertei com força.

Vai dar tudo certo. Sou uma garota de muita sorte.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

